

Os animais no selo postal

Por Ademar Silveira Fulgêncio*

- 1. Introdução – página 2**
- 2. Lineu, o pioneiro – página 3**
- 3. A nomenclatura zoológica – página 4**
- 4. O nome de uma nova espécie – página 5**
- 5. Conhecendo o animal representado no selo**
 - 5A. Selos só com o nome científico – página 5**
 - 5B. Selos só com o nome comum – página 7**
 - 5C. Selos com os nomes científico e comum – página 8**
- 6. Selos com os nomes científico, comum e de seu descobridor – página 9**
- 7. Selos sem a identificação do animal – página 10**
- 8. A nomenclatura trinomial – página 11**
- 9. Selos com erros na escrita do nome científico – página 13**
- 10. A filatelia brasileira e o Código ICZN – Período 2000 a 2025 pág 16**
- 11. Conclusão – página 16**

1. INTRODUÇÃO

A apresentação de animais em selos postais segue diretrizes que combinam estética visual, precisão científica, relevância cultural e apelo à conscientização social. Sendo assim, a filatelia é uma ferramenta poderosa de comunicação, e nela as diretrizes de design variam conforme o propósito da emissão, seguindo padrões bem estabelecidos pelas administrações postais, como os Correios, e também a Federação Internacional de Filatelia (FIP).

Criado na Inglaterra, em 1840, pelo professor Sir Rowland Hill, o selo postal funciona como um comprovante de pré-pagamento de entrega de correspondência pelos correios. Antes da invenção do selo, quem pagava pelo envio da carta era o destinatário, no momento da entrega, o que, muitas vezes, gerava grandes problemas.

Ao longo do tempo, entretanto, o selo se tornou instrumento poderoso na divulgação da cultura de um país, seja mostrando seus personagens históricos, sua culinária, suas danças e vestimentas típicas, e seus monumentos e fatos históricos. Muito dessa cultura é hoje considerada patrimônio cultural da humanidade pela Unesco, agência especializada das Nações Unidas para a educação, a cultura e a ciência.

O selo postal também é usado em prol de causas sociais. No Brasil, de 1952 a 1994, era acrescida ao “porte de todas as cartas, durante a Semana Contra a Hanseníase, uma tarifa complementar destinada a angariar fundos para o tratamento de doentes”. Em 1994, foram lançados dois selos da Campanha de Combate à Fome e à Miséria; também em 1994, outros dois selos faziam alusão ao Pare – Programa de Redução de Acidentes nas Estradas.

Os selos Pro Juventude da Suíça (desde 1910) e os Christmas Seals da Dinamarca (desde 1904) são emissões especiais de caridade criadas para arrecadar fundos voltados ao bem-estar de crianças e jovens e combate à tuberculose, respectivamente.

Neste artigo, vamos ver o selo como ferramenta de divulgação das espécies animais dispersas pelo mundo. Estima-se hoje que existam cerca de 8 milhões a 9 milhões de espécies animais, divididos entre invertebrados e vertebrados. Entretanto, pouquíssimos desses animais (cerca de 1,2 milhão) são conhecidos, isto é, foram descritos pela ciência.

Os animais costumam ser retratados em selos postais seguindo formatos variados. Para animais silvestres, utilizam-se mais comumente lustrações ou fotografias de alta definição, que mostrem a anatomia correta do animal, sendo comum estarem inseridos em seu ecossistema. A computação gráfica também está presente nos designs dos selos, combinando fotografia real com tratamento digital, principalmente para destacar a expressão do animal.

A grande maioria dessas espécies está representada nos selos postais, inclusive aqueles animais já extintos, como os dinossauros, mastodontes, a ave dodô, o rinoceronte-negro-da-áfrica-ocidental, entre outros.

Neste trabalho, pesquisamos em parte de nossa coleção temática sobre fauna a identificação do animal mostrado, e encontramos: a) selos somente com o nome científico do animal; b) selos somente com o nome comum; c) selos com os nomes científico e comum; e d) selos sem a identificação do animal.

Achamos também selos em que o nome científico está escrito de maneira incorreta, seja por erro de grafia ou pela não observação de algumas das regras que norteiam a nomenclatura científica, um sistema criado pelo pesquisador sueco Carl von Linné para denominar todos os seres vivos encontrados na natureza. Os selos aqui mostrados são identificados com sua numeração nos catálogos Michel ou Yvert et Tellier e RHM, no caso dos selos brasileiros.

2. LINEU, O PIONEIRO

Carl von Linné (1707-1778) – Lineu, em português; Linnaeus, em latim –, pesquisador sueco, um dos fundadores da Real Academia de Ciências da Suécia, escreveu vários artigos científicos relatando suas viagens ao redor do mundo e seus trabalhos de campo. Descrevendo com detalhes as espécies encontradas, ele popularizou o uso do nome científico na identificação das espécies.

Lineu foi homenageado em selos por vários países. Entre as emissões comemorativas, merece atenção o selo emitido pela Suécia, em 1939 (fig. 1), por ocasião do bicentenário da Real Academia de Ciências da Suécia. À direita do selo, logo abaixo do nome de Lineu, aparece o brasão heráldico da Academia. Destaque também para o selo emitido pela Alemanha Oriental, em 1958 (fig. 2), que comemorou o segundo centenário da publicação da 10.^a edição de 'Systema naturae', livro-base da classificação taxonômica.



Figura 1
Yvert: SE 276



Figura 2
Yvert: DD 350

Lineu também foi tema de selos da Romênia, em 1958 (fig. 3); da Macedônia do Norte, em 2007 (por ocasião do tricentenário de seu nascimento; fig. 4); e também pelas Ilhas Marshall, em 2012, na série Grandes cientistas do mundo (fig. 5).



Figura 3
Yvert: RO 276



Figura 4
Yvert: MK 419



Figura 5
Yvert: MH 2859

Estima-se que Lineu tenha identificado mais de 4.400 espécies animais — além das vegetais, registrando esses levantamentos em vários livros, redigidos sempre em latim, língua científica predominante no século 18. Seu livro mais conhecido é 'Systema naturae', publicado entre 1735 e 1768, sendo alvo de revisões contínuas e de constante ampliação. Somente cinco edições foram escritas pelo próprio Lineu: a 1.^a, a 2.^a, a 6.^a, a 10.^a e a 12.^a, sendo esta última, de 1768, a última revista por ele pessoalmente.

A primeira edição de 'Systema naturae' tinha 11 páginas; em 1770, quando foi lançada a 13ª, já tinha 3.000. Esse livro não é mais editado ou atualizado com novas espécies. A obra é tratada como um documento histórico fixo.

3. A NOMENCLATURA ZOOLOGICA

A parte da ciência que trata da descrição e posterior classificação dos seres vivos é chamada taxonomia, e os taxonomistas são os responsáveis pela análise de um nome científico apresentado como sendo uma nova espécie descoberta. Eles examinam o trabalho apresentado pelo autor da nova descoberta para verificar se aquele novo nome proposto atende aos requisitos da nomenclatura zoológica. Estima-se que de 15 mil a 20 mil novas espécies são descritas e adicionadas à literatura zoológica todos os anos.

A nomenclatura zoológica é um sistema de nomes científicos aplicado a animais existentes ou extintos, sendo a 10ª edição de 'Systema naturae', de Lineu, publicada em dois volumes (1758 e 1759), o trabalho que iniciou a aplicação geral da nomenclatura zoológica. Nessa obra, Lineu introduziu a maneira de dar nome aos animais – incluindo o ser humano –, algo que ele já havia feito para plantas em sua publicação 'Species plantarum', de 1753.

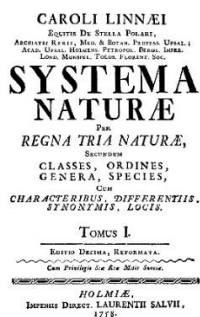


Figura 6

Capa do volume 1 da 10ª edição de 'Systema naturae', ponto de partida para a classificação dos seres vivos

A Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica (ICZN, na sigla em inglês), com sede na Universidade Nacional de Singapura, criou em 1961 o Código Internacional de Nomenclatura Zoológica, uma convenção amplamente aceita em zoologia, que regula a nomenclatura científica formal de organismos tratados como animais.

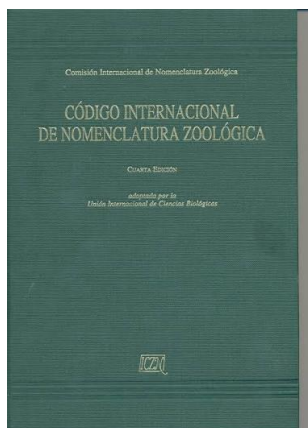


Figura 7

Capa do Código Internacional de Nomenclatura Zoológica 4ª edição/1999

Também conhecido como Código ICZN, essas normas foram baseadas na 10ª edição de 'Systema naturae', de Lineu. A última edição do Código ICZN foi publicada em 1999, entrando em vigor no ano 2000.

Antes dessa versão moderna, existiu uma base anterior de regras internacionais – as Règles Internationales de la Nomenclature Zoologique, propostas inicialmente em congressos no final do século 19 e publicadas oficialmente em 1905.

4. O NOME DE UMA NOVA ESPÉCIE

A descrição de um animal descoberto na natureza marca seu “nascimento” para a comunidade científica. Todo animal – existente ou extinto – tem um nome de nascimento, que é seu nome científico, único, de caráter universal, isto é, o mesmo em qualquer país.

Esse mesmo animal tem vários nomes comuns, que variam de país para país. Por exemplo, o animal que nós, brasileiros, chamamos de ‘cachorro’ (nome comum) tem como nome científico *Canis lupus familiaris*. Nos países de língua inglesa, esse animal é chamado de ‘dog’, mas seu nome científico não muda. Será sempre *Canis lupus familiaris*.

Segundo os professores Guilherme S. T. Garbino e Alessandro Rodrigues Lima, “o objetivo principal da nomenclatura zoológica é que cada ser vivo reconhecido pelos taxonomistas seja conhecido apenas por um nome, e que esse nome seja exclusivo dele”.

Assim, evita-se que dois animais diferentes recebam o mesmo nome e até mesmo que um animal apresentado para apreciação da ICZN como espécie nova já tenha sido classificado. Para dar nome a um animal, o pesquisador que o identificou deve publicar seu trabalho em uma revista científica e/ou periódico de renome internacional e submetê-lo ao crivo da Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica.

Essa comissão atua como autoridade global responsável por padronizar e disseminar as regras para o uso correto do nome científico dos animais. Fundada em 1895, seu principal objetivo é garantir a universalidade e a clareza na denominação das espécies, evitando o caos que a variação regional de nomes populares poderia causar nos meios acadêmicos e científicos. Na sequência, vamos identificar em selos o uso correto de algumas das regras mais comuns do Código ICZN.

5. CONHECENDO O ANIMAL REPRESENTADO NO SELO

Tendo o nome científico impresso no selo, podemos fazer uso de bancos de dados para identificar o nome comum do animal em português (se houver). Quando não há nome comum em português – às vezes não é um animal encontrado no Brasil, muitas vezes é feita uma livre tradução.

5A. SELOS SÓ COM O NOME CIENTÍFICO

O Código ICZN determina que todo nome científico seja escrito em latim (ou palavra latinizada) e formado de, no mínimo, duas palavras – é a chamada nomenclatura binominal.

A primeira palavra, escrita com inicial maiúscula, indica o nome genérico, ou seja, o gênero ao qual pertence o animal; a segunda, toda minúscula, é o nome específico. O conjunto das duas palavras forma o nome científico da espécie daquele animal.

O nome científico deve vir destacado no texto, preferencialmente em *itálico* – esse estilo de letra inclinado para a direita. Em casos em que não é possível utilizar o *itálico*, os

nomes devem aparecer sublinhados – em nem um dos selos pesquisados encontramos um nome científico sublinhado.



Savacu-de-coroa
Romênia'1985
Yvert: RO 3579

Na margem direita, embaixo do valor facial, o nome científico: *Nyctanassa violacea* (no detalhe)

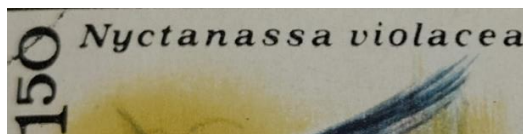


Figura 8 – Ave típica dos manguezais dos Estados Unidos até o norte do Peru, é encontrada, no Brasil, desde o Amazonas, Pará e Maranhão até o Rio Grande do Sul, nos estados localizados ao longo da costa



Peixe-picasso
São Tomé e Príncipe'1979
Yvert: ST 565

No canto superior direito, o nome científico *Rhinecanthus aculeatus* (no detalhe)

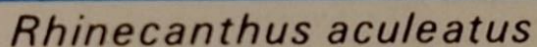


Figura 9 – Conhecido no aquarismo como peixe-picasso, ele chama a atenção por suas cores exóticas e padrões geométricos que lembram uma pintura abstrata, sendo encontrado principalmente nas águas tropicais dos oceanos Índico e Pacífico, além de partes do Atlântico

Na designação da espécie, pode-se distinguir uma pessoa dando seu nome ao animal, seguindo as regras do Código ICZN. O nome da pessoa é latinizado e recebe sufixos específicos baseados no gênero.

A homenagem a pessoas em nomes científicos é uma prática antiga e comum na ciência de um modo geral. Ao descrever uma espécie e dar-lhe um nome, os autores usam esse recurso para celebrar pesquisadores que deram grande contribuição ao conhecimento científico ou tiveram alguma importância naquela descoberta.

O pesquisador que primeiro descreve uma espécie tem o direito de escolher o seu nome científico, baseando-se principalmente nas características morfológicas da nova variedade ou mesmo na localização geográfica em que se deu o achado. Quando ele quer homenagear uma personalidade, adiciona ao nome específico os sufixos *-i* ou *-ii* se o homenageado for homem; e *-ae* se for mulher.

Um caso clássico é o nome do tripanosoma, protozoário causador da doença de Chagas. Descoberto em 1909 pelo médico e pesquisador brasileiro Carlos Chagas, recebeu

o nome *Trypanosoma cruzi* em homenagem a Oswaldo Cruz, médico e sanitarista brasileiro, que foi o mentor de Carlos Chagas.



Antílope tibetano
China'2003
Yvert: CN 4094

No canto inferior esquerdo, o nome científico
Pantholops hodgsoni (no detalhe)

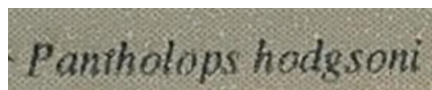


Figura 10 – O antílope tibetano é encontrado principalmente na China, no Planalto Tibetano, em estepes de alta altitude. Nas décadas de 1980 e 1990, a espécie esteve em perigo de extinção devido à caça ilegal em larga escala. Atualmente, está classificada como “quase ameaçada” na Lista Vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN, na sigla em inglês)

Descrito pelo naturalista britânico Clarke Abel, em 1826, o nome específico do antílope tibetano é uma homenagem ao também naturalista britânico Brian Hodgson, responsável por documentar e apresentar formalmente grande parte da fauna da região do Himalaia para a comunidade científica ocidental.

5B. SELOS SÓ COM O NOME COMUM

O nome comum (ou popular) de uma espécie no selo postal serve para aproximar o público do tema em destaque – seja uma espécie da fauna local ou não. Isso cria uma conexão cultural com a biodiversidade. Alguns selos trazem o nome comum escrito na língua local – o que ajuda a manter viva a tradição oral e o vocabulário regional – ou em inglês.

Quando escrito na língua local, carrega a história e a relação de um povo com sua biodiversidade, refletindo como uma comunidade enxerga ou interage com determinada espécie animal. Por exemplo: o nome coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*) explica o hábito dessa ave. Não há dúvidas de que os nomes populares refletem a forma como a comunidade interage, reconhece e se conecta afetivamente com sua própria fauna.

No caso de selos que contenham apenas o nome comum, consultas são feitas a catálogos digitais e também em plataformas de dados. Os catálogos digitais de selos postais revolucionaram a filatelia, substituindo ou complementando os antigos volumes impressos com atualizações em tempo real.

Os bancos de dados mais usados são:

a) avibase.bsc-eoc.org – consolidando informações taxonômicas, de distribuição geográfica e de nomes comuns de aves;

b) fishbase.se/search.php – uma das maiores referências biológica e ecológica em relação a peixes com nadadeiras;

c) gbif.org – rede internacional de dados financiada por governos de todo o mundo com o objetivo de proporcionar acesso aberto a dados sobre todas as formas de vida na Terra. No portal oficial dessa rede estão listados nomes científicos válidos e dados de distribuição geográfica das espécies;

- d) bioone.org – organização global que funciona como biblioteca digital e agregador de conteúdo científico focado nas áreas de ciências biológicas, ecológicas e ambientais; e
- e) Sistema Salve (ICMBio) – portal de acesso livre que agrega informações sobre espécies da fauna brasileira.



Skua (*Stercorarius antarcticus*)
Terras Austrais e Antárticas Francesas'1959
Yvert: TF 13
Embaixo, no centro do selo, entre as aves, o nome comum em inglês (no detalhe)

SKUAS

Figura 11 – As skuas são aves marinhas que habitam zonas do Polo Sul, famosas por seu comportamento agressivo e pelo hábito de roubar alimento de outras aves



Bilby-grande (*Macrotis lagotis*)
Austrália'1983
Yvert: AU 749a

Abaixo do nome do país, o nome comum em inglês (no detalhe)

Greater Bilby

Figura 12 – O bilby-grande habitou cerca de 70% do território australiano e hoje está confinado aos desertos da região central. É uma das espécies em alto risco de extinção devido, entre outros fatores, à introdução de predadores, como a raposa, em seu hábitat

5C. SELOS COM OS NOMES CIENTÍFICO E COMUM

Muitos selos são emitidos como alerta sobre espécies em extinção. Ter ambos os nomes na identificação de um animal desperta o interesse pela conservação, facilitando a busca por dados de proteção ambiental e status de conservação daquele animal em bases de dados globais, como a Lista Vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN, na sigla em inglês).



Figura 13 – Ave nativa da Ásia tropical

Jaçanã-rabo-de-faisão
Tailândia'1997 – Yvert: TH 1721A

No lado direito do selo, acima do valor facial, na vertical, a identificação (no detalhe): nome comum em tailandês (1ª linha) e inglês (2ª linha). Na 3ª linha, o nome científico (*Hydrophasianus chirurgus*)

นกอีแจว
Pheasant - tailed Jacana
Hydrophasianus chirurgus



Lagartixa-maravilha-comum
Uzbequistão'1983 – Yvert: UZ 7

Em cima, no centro da peça, o nome comum na língua local, o uzbeque. Abaixo do valor facial, o nome científico *Teratoscincus scincus*

Figura 14 – A lagartixa-maravilha-comum (em tradução livre), também chamada de lagartixa-olhos-de-sapo, é um réptil de hábitos noturnos das regiões áridas e desertos da Ásia

6. SELOS COM OS NOMES CIENTÍFICO, COMUM E DO SEU DESCOBRIDOR

O Código ICZN prevê também citar o nome do autor da descrição daquele animal. Esse autor é, em geral, o naturalista responsável por descrever formalmente a espécie ali mostrada. Nesse caso, seu nome, que pode ser abreviado, deve vir logo após o nome da espécie, escrito em letras normais. Pode-se também mencionar o ano da publicação do estudo de divulgação da espécie. Essa informação vem após o nome do autor, separada por vírgula.

Quando o nome do autor é mencionado junto ao nome científico da espécie, o selo deixa de ser uma ilustração bonita e passa a ser um documento de registro científico. Para os filatelistas temáticos, essa informação permite organizar a coleção de forma cronológica.

O nome do autor, entretanto, não faz parte do nome científico; o nome da espécie é um binômio. Em 1758, por exemplo, Lineu descreveu a mosca doméstica (*Musca domestica*). Seu nome científico pode ser escrito *Musca domestica* Linnaeus, 1758; *Musca domestica* L., 1758; *Musca domestica* L.; ou ainda *Musca domestica*.



Mariposa-lesma
Angola'1984 – Yvert: AO 680

No alto do selo, ao centro, o nome científico (*Parasa karschi*) e o nome do autor (Dyar.) – ver no detalhe

Parasa karschi Dyar.

Figura 15 – A mariposa-lesma, assim chamada devido ao formato de suas lagartas, encontra-se amplamente distribuída entre os países do continente africano. Apesar do aspecto curioso e colorido, as lagartas dessa mariposa são dotadas de pelos altamente urticantes, causadores de queimaduras bem doloridas

O nome científico dessa mariposa é uma homenagem ao entomologista e aracnologista alemão Ferdinand Karsch, que descreveu centenas de espécies de insetos e aranhas ao longo de sua carreira no Museu de História Natural de Berlim.

Observa-se nesse selo um erro em relação às normas para a escrita de um nome científico (Código ICZN): quando se menciona o autor da descoberta, não é colocado ponto-final em seu nome (veja no detalhe da figura 15). Portanto, *Parasa karschi* Dyar é a maneira correta de escrever o nome da mariposa-lesma, quando citado o autor.

Há uma controvérsia em relação a quem primeiro descreveu a espécie. Identificada em 1912 pelo entomologista norueguês Embrik Strand, algumas revisões taxonômicas posteriores também associam a descrição ao entomologista Harrison Gray Dyar, feita naquele mesmo ano. Na plataforma gbif.org, banco de dados usado mundialmente como fonte de pesquisa e consulta taxonômica, consta Embrik Strand como sendo o autor.



Formiga-de-estalo
Brasil'2013 – RHM: C3281

No rodapé do selo (ver detalhe), abaixo de “Carta Comercial”, temos, pela ordem: o nome comum (formiga-de-estalo), o nome científico (*Odontomachus bauri*), o nome do autor (Emery) e o ano da descrição da espécie (1881)

Formiga-de-estalo - *Odontomachus bauri* Emery, 1881

Figura 16 – A formiga-de-estalo é equipada mandíbulas providas de pelos sensoriais. Depois que a presa toca esses pelos, as mandíbulas são capazes de se fechar em apenas 0,13 milissegundo. Presente em toda a América do Sul tropical, é uma das formigas mais comuns em jardins no sul do Brasil

Observamos um erro de informação no selo acima. A formiga-de-estalo foi descrita pela primeira vez em 1892 (e não em 1881). Seu nome científico homenageia o naturalista alemão Georg Baur, que, em 1891, em expedição científica pelo arquipélago de Galápagos, no Equador, coletou os primeiros espécimes desse inseto na Ilha Isabela.

7. SELOS SEM A IDENTIFICAÇÃO DO ANIMAL

A identificação de uma espécie animal em selos postais baseia-se em um conjunto de elementos visuais, textuais e técnicos inseridos na estampa. Esses recursos transformam o selo em um documento oficial de registro da biodiversidade.

As administrações postais costumam identificar as espécies de animais retratadas nos selos com o nome comum e/ou científico. No entanto, alguns selos mostram animais de forma genérica, muitas vezes trazendo apenas o nome do país emissor e o valor facial.

Nessa situação, sem um nome, recorreremos aos catálogos digitais e bancos de dados na tentativa de identificar o animal. Os catálogos digitais são muito úteis, mas podem apresentar erros na escrita do nome da espécie apresentada. Assim, conhecido o nome científico, recorreremos ao gbif.org (já citado acima) para sua confirmação.

A integração de animais aos selos postais insere-se no conceito de zoologia cultural, onde a ciência e a cultura popular se unem por meio de imagens, popularizando o conhecimento sobre a fauna e conscientizando a sociedade sobre a preservação ambiental.



Falcão-peregrino
Suíça'1971 – Yvert: CH 893

Figura 17 – O falcão-peregrino (*Falco peregrinus*) é uma ave de rapina de pequeno porte encontrada em todos os continentes, exceto na Antártida. A espécie prefere habitats em zonas montanhosas ou costeiras, mas pode ser encontrada em grandes cidades, como Nova York



Castor-europeu
Suíça'1995 – Yvert: CH 1472

Figura 18 – Roedor amplamente distribuído pela Europa e Ásia, o castor-europeu (*Castor fiber*) esteve ameaçado de extinção devido à caça indiscriminada por sua pele. Projetos ambientais recentes foram criados para salvar a espécie

8. A NOMENCLATURA TRINOMINAL

Em alguns selos, o nome científico está escrito com três palavras: é a chamada nomenclatura trinominal (três nomes). Além dos nomes científico e comum, aparece um terceiro, identificando uma subespécie. As regras para a escrita desse terceiro nome são as mesmas do nome específico: palavra em *itálico* e com inicial minúscula.

Essa nomenclatura trinominal é uma extensão do sistema de nomes científicos, sendo usada na identificação de seres vivos abaixo do nível de espécie, principalmente as subespécies. Seu uso é diferente na identificação de subespécies animais e de subespécies botânicas.

A população de uma espécie pode sofrer um isolamento geográfico que acaba criando subgrupos, ou subpopulações, dessa espécie. Essa barreira geográfica – um rio, uma montanha ou um cânion, leva ao aparecimento de diferenças anatômicas e comportamentais entre esses subgrupos, impedindo-os de cruzamentos entre si. Com o tempo, essas distinções ficarão cada vez mais acentuadas, surgindo assim as subespécies.

Essas subespécies constituem uma transição dentro da espécie. Ao longo de milhares ou milhões de anos, por causa da seleção natural em ambientes diferentes e do acúmulo de mutações, podem surgir, eventualmente, novas espécies.



Palanca-negra-gigante
Angola'2003 – Yvert: AO 1549

No canto superior esquerdo,
abaixo do nome comum, a escrita
trinominal (no detalhe)

PALANCA NEGRA GIGANTE
Hippotragus niger variani

Figura 19 – A palanca-negra-gigante (*Hippotragus niger variani*) é um animal encontrado somente em dois locais: no Parque Nacional de Cangandala e na Reserva Natural Integral de Luando

O nome subespecífico desse animal é uma homenagem ao explorador britânico Frank Varian, responsável por enviar os primeiros exemplares desse antílope para serem estudados cientificamente na Europa.



**Urso-cinzento ou urso-grizzly
Angola'1999 – Michel: AO 1341**

No canto inferior esquerdo, o nome científico:
Ursus arctos horribilis (no detalhe)



Figura 20 – Chamado de urso-cinzento ou urso-grizzly, é uma subespécie do urso-pardo, sendo encontrado principalmente na América do Norte

Esse urso foi descrito em 1815 pelo naturalista norte-americano George Ord. Ele escolheu o termo “horribilis” não porque o animal fosse cruel, mas devido à forte impressão causada por relatos de exploradores, que descreviam o urso-cinzento como um predador massivo, destemido e extremamente feroz quando confrontado.

9. SELOS COM ERROS NA ESCRITA DO NOME CIENTÍFICO

Falhas na escrita de nomes científicos em selos postais ocorrem durante a fase de projeto ou criação artística. Entre os deslizos tipográficos conhecidos, temos letras trocadas, ausentes ou grafias binominais incorretas, sem observância do Código ICZN.

Tais erros, que afetam toda a tiragem inicial produzida a partir daquela matriz, costumam ocorrer durante a fase de elaboração ou gravação da arte, passando despercebidos pelas autoridades postais e chegando à circulação pública antes que os biólogos ou colecionadores mais atentos notem a falha.

Se o erro for detectado rapidamente e o lote for retirado de circulação para ser destruído, os poucos exemplares que escaparam tornam-se raridades valiosas. Caso contrário, se o serviço postal decidir não recolher os selos devido ao alto custo da reimpressão, as peças continuam comuns mas ganham status divertido e fascinante dentro da filatelia temática.



Onça-pintada
Brasil'1973 – RHM: C 826

No rodapé do selo, abaixo da figura,
nomes comum e científico (no detalhe)

ONÇA (PANTHERA ONÇA)

Figura 21 – Onça-pintada (*Panthera onca*), um dos maiores símbolos da biodiversidade brasileira. Erros observados (ver no detalhe): grafia incorreta no nome específico (*onça*; correto: *onca*); ausência de itálico; nome científico todo em letras maiúsculas, em desacordo com o Código ICZN



Nome popular desconhecido
Brasil'1986 – RHM: C 1514

No rodapé do selo, abaixo da figura,
nome científico (no detalhe)

Prepona eugenes diluta

Figura 22 – Borboleta sem nome popular conhecido (*Prepona eugenes diluta*). Erro encontrado (ver no detalhe): ausência de itálico, em desacordo com o Código ICZN



Águia-de-penacho
Ruanda'1977 – Yvert: RW 804

No lado direito do selo, na vertical, o
nome científico (no detalhe), escrito
em desacordo com o Código ICZN
(sem o itálico)

Lophaëtus occipitalis (Daudin)

Figura 23

Figura 23 – A águia-de-penacho é uma ave de rapina africana distribuída por toda a África subsaariana, sendo a única representante de seu gênero taxonômico. Outro erro encontrado: menção ao nome do autor da descrição da espécie (ver no detalhe). O correto é *Lophaetus occipitalis* Daudin



Cisne-negro
Romênia'1964 – Yvert: RO 2055

No canto superior esquerdo, o nome científico (no detalhe), escrito em desacordo com o Código ICZN

CHENOPSIS ATRATA

Figura 24 – O cisne-negro é uma ave aquática de grande porte, encontrada principalmente na Austrália e Nova Zelândia. Erros encontrados: segunda palavra do nome científico escrita com erro de ortografia (*atrata*; correto: *atratus*); nome científico sem itálico; e nomes de gênero e espécie todos em letras maiúsculas (ver detalhe). A escrita correta é *Chenopsis atratus*



Cavalo-de-przewalski
Polônia'1978 – Yvert: PL 2414

No lado esquerdo, na vertical, o nome científico (no detalhe)

Eguus przewalskii

Figura 25 – O cavalo-de-przewalski é nativo dos desertos e estepes da Mongólia. Classificado mais frequentemente como uma subespécie do cavalo selvagem (*Equus ferus przewalskii*), sua posição (espécie ou subespécie) ainda é motivo de debate científico. Erro encontrado: nome do gênero grafado incorreto (ver detalhe). O correto é *Equus przewalskii*.

Um erro diferente, menos comum do que aqueles que foram encontrados em nossa pesquisa, pode ser observado neste bloco emitido pela Angola, em uma série que chama a atenção para animais do mundo em risco de extinção.



Figura 26
Angola'1999 – Yvert: AO 1247-1252

No último selo do bloco, na coluna da direita, o animal mostrado está errado. Temos ali na peça o furão-europeu (*Mustela putorius*), que não está em extinção. *Tragelaphus eurycerus*, que aparece como nome científico no selo – veja no detalhe da figura 27 – identifica o bongo, um antílope africano (figura 28).



Figura 27

Furão-europeu
Angola'1999 – Yvert: AO 1252

No canto inferior esquerdo, o nome
Tragelaphus eurycerus (no detalhe)

Tragelaphus eurycerus



Figura 28
Bongo (*Tragelaphus eurycerus*)
Rep do Congo'1994 – Yvert: CG 996

10. A FILATELIA BRASILEIRA E O CÓDIGO ICZN – 2000 A 2025

O mesmo método de pesquisa empregado neste trabalho foi testado para estudar os selos sobre o tema fauna emitidos pelos Correios do Brasil abrangendo o período de 2000 a 2025 – escolhido aleatoriamente.

Dos 213 selos lançados nesse período, este foi o resultado encontrado:

Informação completa¹	36 (16,90%)
Sem qualquer informação²	55 (25,82%)
Somente com o nome comum	61 (28,63%)
Somente com o nome científico³	56 (26,29%)
Informação completa, mas com erro⁴	5 (2,34%)

(1) Nome comum e nome científico de acordo com as regras do Código ICZN

(2) Sem nome comum e sem nome científico; somente país emissor e valor facial

(3) De acordo com as regras do Código ICZN

(4) Nome comum nome e científico, mas em desacordo com o Código ICZN

11. CONCLUSÃO

O uso em selos postais dos nomes científico e comum de um animal funciona como ferramenta essencial de comunicação global e divulgação científica. Como os selos viajam pelo mundo todo, enquanto as imagens conectam o público visualmente à biodiversidade, o nome impresso na peça filatélica evita confusões causadas por barreiras linguísticas e variações regionais dos nomes populares.

Os nomes científico e comum de uma espécie em selos postais são fundamentais para garantir a precisão na comunicação, além de ajudar pesquisadores no avanço dos estudos sobre biodiversidade. Se o objetivo da emissão de um selo (ou uma série) é divulgar espécies ameaçadas, fauna nativa ou novas descobertas, é recomendado incluir tanto o nome comum quanto o científico, o que ajuda na conscientização pública.

Referências:

- https://pt.wikipedia.org/wiki/10ª_edição_de_Systema_Naturae. Acesso em 14.8.2026
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Código_Internacional_de_Nomenclatura_Zoologica. Acesso em 14.8.2026
- Guilherme S. T. Garbino & Alessandro Rodrigues Lima, in <https://repositorio.ufmg.br/bitstreams/content>. Acesso em 18.8.2026
- <https://brasilecola.uol.com.br/biologia/nomenclatura-binominal.htm>. Acesso em 21.8.2026
- https://uab.ufsc.br/files/20208/Cap_02. Acesso em 21.8.2026
- <https://super.abril.com.br/coluna/oraculo/qual-a-diferenca-entre-especie-e-subespecie/>. Acesso em 30.8.2026
- <https://mundoeducacao.uol.com.br/biologia/isolamento-geografico.htm>. Acesso em 5.9.2026
- <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbrasbioci/article/view/114491>. Acesso em 14.9.2026
- <https://sistemas2.uespi.br/handle/tede/3298>. Acesso em 15.9.2026

(*) Ademair Silveira Fulgêncio é biólogo e sócio da Filabras (nº 1708)

Contatos: pequenomazo@yahoo.com.br